

O aperfeiçoamento moral em *Lolita*¹

Gilberto Clementino de Oliveira Neto*

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a potência que a literatura tem em explorar as parcelas inóspitas da vivência humana, isto é, o lado recusável da nossa vida moral. Como indutor dessa reflexão está o romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, que através do relato homodiegético do personagem Humbert Humbert examina o possível de uma situação social de moralidade limítrofe. Assim, a partir dessa proposição, podemos observar como a literatura consegue, por sua capacidade de profunda exploração existencial, criar novos construtos morais; como, em sua natureza símile do real, pode nos *humanizar*, quer dizer, fazer-nos viver um outro que também nos constitui.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da literatura. Literatura e filosofia. *Lolita*.

ABSTRACT

This work aims to reflect about the capacity that literature has of exploring the inhospitable portions of the human life, that is, the excusable side of our moral life. As an inductor of this thinking is the novel *Lolita*, by Vladimir Nabokov, which through the account of an homodiegetic character examines the possibility of a borderline social situation of morality. Therefore, based on this proposition we can observe how literature is able to, due to its profound existential exploratory capacity, create new moral constructs; how it can *humanize* us because of its simile-to-real nature, how it can make us live another that also constitutes ourselves.

KEYWORDS: Literary theory. Literature and philosophy. *Lolita*.

A literatura também pode ser cúmplice da vileza; pode também invocar os rumores de nossos escombros interiores. *Lolita*, romance de Vladimir Nabokov, nos convoca a essa experiência pouco agradável, a experiência de encarar as possibilidades do espírito negadas de saída pela prudência e cobertas pelo pano grosso da moral cotidiana. E a forma romanesca é, por excelência, o veículo dessa pesquisa da interioridade, pois é através de sua estrutura propícia à argumentação que podemos ser longa e inteiramente expostos a nós mesmos. O narrador de *Lolita*, Humbert Humbert – ainda que repreendido logo na introdução pelo personagem que media a publicação dos seus relatos no universo narrativo – nos pede por empréstimo nossa sensibilidade com o objetivo de convencer-nos não de sua inocência, mas do caráter pretensamente *natural* de suas inclinações morais.

O personagem Humbert Humbert, o invólucro imaginário dessa instância moral invocada em *Lolita*, pede continuamente nossa aquiescência, nossa simpatia diante de sua fraqueza assumida; confessa-se diante de nós, leitores, na exposição da fronteira, que deseja fixar, entre a bestialidade e a beleza; por isso

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* gilbertoclementinoneto@gmail.com

Recebido em 14/06/2019
Aprovado em 29/12/2019

admite com franqueza a natureza dos seus atos privados, expõe o cálculo interior dos seus pensamentos, a origem e o conteúdo de sua perversão, e chega à conclusão de que:

[...] [os perversos sexuais, como classifica] são seres inofensivos, inadequados, passivos e tímidos, que apenas pedem à comunidade que lhes permita entregar-se a seu comportamento supostamente aberrante, mas praticamente inócuo, que lhes deixa executar seus pequenos, úmidos e sombrios atos privados de desvio sexual sem que a polícia e a sociedade os persigam. Não somos tarados! Não cometemos estupros, como o fazem muitos bravos guerreiros! Somos seres infelizes, meigos, de olhar canino, suficientemente bem integrados para saber controlar nossos impulsos na presença de adultos, mas prontos a trocar anos e anos de vida pela oportunidade de acariciar uma ninfeta (NABOKOV, 2003, p. 90).

Assim, o pedido mesmo de ser deixado para poder gozar de suas veleidades perversas é um chamado à instância de empatia que está precisamente na fronteira entre o objeto literário e a realidade que transfigura (ISER, 1996), e que tem como resultado a produção de um lugar novo, intocado pela vida, porém dela dependente para que venha a ter algum laivo de concretude.

Mas o que a obra põe em questão não é uma definição clínica dos pendores sexuais de Humbert Humbert: *Lolita* dá-nos a ver de muito perto, como pode fazer a literatura, um *locus* inaceitável à moral pública; apresenta-nos o movimento de criação de um valor que, ainda que espúrio, necessita da nossa subjetividade enquanto leitor para concretizar-se. Isto é, não é tanto que Humbert Humbert sinta um inapelável desejo por meninas de doze anos, mas o fato de que sua substância moral é a *nossa* moral, que nós a emprestamos a ele. As palavras, pois, tornam-se armadilhas, nos enredam em seu conteúdo, são animadas por nós e por nossos sentimentos privados, e nos fazem conceder a um personagem imaginário a faculdade de vivê-los. E, assim, “por uma inversão que é própria do objeto imaginário, não é sua [refere-se a Raskolnikoff, personagem de “Crime e castigo”, de Dostoiévski] conduta que provoca minha indignação ou minha estima, mas minha indignação, minha estima que dão consistência e objetividade aos seus comportamentos” (SARTRE, 1989, p. 42).

Diga-se, no entanto, que, apesar do pejo na índole, o narrador de *Lolita* é um indivíduo inteligente, dotado de grande sensibilidade artística, capaz de descrever minuciosamente seus estados mentais e o que os pequenos momentos medidos fizeram resultar em sua atividade geral; por isso, compraz-se frequentemente da inteireza de seu estilo narrativo, da sua capacidade de entender as motivações alheias e de seu gosto apurado. Mas a vizinhança dessas características agradáveis com a abjeção de sua conduta sexual é talvez o fator que possibilita ao relato colocar em evidência a forma completa de sua imoralidade. Pois somente através de um indivíduo consciencioso o bastante para produzir as conclusões necessárias à cadeia de eventos narrados é que pode ficar evidenciada a profundidade da experiência moral em *Lolita*. É absolutamente necessário que fiquem perfeitamente descritas – e acentuadas pelo riso discreto do humor de Humbert Humbert – as implicações de associar-se às situações descritas, permeadas além de tudo por um cinismo confesso. Era preciso introduzir-se totalmente na ação – como pode acontecer na narração em primeira pessoa – para dar a dimensão do relacionamento pessoal de alguém com uma personalidade moral voltada para essa escala de propósitos. Era preciso sujar-se com o pensamento, arrazoa-lo, debater-se com ele, perguntar-se sobre ele e rodeá-lo de tal maneira que o leitor fique implicado total e inevitavelmente no percurso desse esquadrinhamento, para que seja tomado pelo “acercamento” a uma sensibilidade tão indesejada em nós mesmos – como é a tentação de observar o âmbito interior de um espírito aberrante, de ver-se na pele de um assumido pedófilo.² E o narrador Humbert Humbert, com sua inteligência, nos implica nas consequências de sua inadequação; nos apela uma simpatia ime-

2. Assim como acontece com Humbert Humbert, Deleuze afirma que a exposição de um narrador sobre o efeito de sua ação nociva como forma de dar-lhe sentido já é uma manifestação de poder: “El razonamiento mismo es una violencia, que está del lado de los violentos con todo su rigor, toda su serenidad, toda su calma” (DELEUZE, 2001, p. 14). (“A própria racionalização é uma violência, que está do lado dos violentos com todo seu rigor, toda sua serenidade, toda sua calma”; tradução nossa.)

recida mas inevitável no contato com o percurso da criação de sua moral pessoal, e, dessa forma, somos forçados a reconhecer nele nossos pensamentos rejeitados.

O tema sobre o qual, partindo da leitura de *Lolita*, procuro estabelecer ligações, o do *aperfeiçoamento moral*, presume antes de tudo uma atitude de profunda crença na capacidade individual como meio de produzir conclusões próprias sobre os intervalos morais negados, e essa atitude encontra na literatura o meio pelo qual os experimenta. Sob esse ponto de vista, na posição de sujeitos (distante de um ideal solipsista, bem entendido) nos é exigido o exercício pleno das faculdades criadoras, a independência, a descrença no esgotamento humano e a confiança na possibilidade de dizer o pessoal para que nele possa ser encontrado um pressuposto universal.

Desse modo, a relação do indivíduo com a realidade deveria ser a de um agente “desvendante”. Seria preferível, por essa perspectiva, que o estrato moral no qual se classificasse a descoberta estivesse numa atmosfera de pouca densidade, mas que contivesse em si genuína potência; seria sempre preferível o sentimento legítimo, intransferível a uma esfera de complacência com a norma social, ainda que este sentimento seja tomado como autoindulgente ou egoísta em algum sentido geral. A dócil consistência seria, por este ponto de vista, um valor “inecessário”, uma vez que elevaria a uma categoria de perfeição aqueles valores inquestionados, graníticos, e mantenedores de uma sujeição individual nociva à perspectiva de perfectibilidade humana. “To be great is to me misunderstood”³ (EMERSON, 1841, p. 7), escreveu Ralph Waldo Emerson, cioso do espaço mental necessário para a concretização do novo; confiante no efeito nocivo que a sensibilidade inaugurada exerceria sobre o desejo de normalidade. A sociedade, acredita Emerson, nunca avança, pois aquilo que conquistar trará como consequência a perda de outro valor natural; o indivíduo, em contrapartida, quando não se ocupa em teimar conformidades, afirma o autor, é capaz da melhora. Mas não um avanço em direção à regra. Quer dizer, sua concepção de avanço não conduziria a uma ideia de santidade cristã ou a qualquer outro valor constitutivo da norma, mas sim ao desvendamento de capacidades ignoradas e somente possíveis de serem alcançadas pelo gênio humano – sempre quando fiel à sua capacidade de renovar-se. Tal renovação, distante do desejo de acúmulo material, seria, logo, passível de ampliar sua experiência natural.

A literatura, como empreendimento fundamental do espírito humano, produz, animada por seu descompromisso existencial, instâncias de transferência de significados, alterando a percepção do real em seu contínuo círculo hermenêutico (COMPAGNON, 2012). Quando nos expomos, pois, ao objeto imaginário da literatura ocupamos o espaço intermediário de “recifração” daquilo com o qual nos colocamos em contato; nossa parte da *mimesis*, do círculo hermenêutico, corresponde, então, a devolver à vida tudo quanto apreendemos do estágio mimético transitivo do texto literário. A literatura não é, portanto, inofensiva, uma vez que descarrega seu conteúdo a partir da pretensa inocuidade de seus pressupostos renovadores. E o autor que exercita sua capacidade de realização, “that kind of author has no given values at his disposal: he must create himself” (NABOKOV, 2002, p. 7).⁴

O autor que se aprofunda no real a ele disposto e o transfigura, que mergulha na violência, na parcela obscura do humano, age como alguém que se lança corajosamente em direção ao desconhecido e depois retorna para contar tudo quanto viu. A literatura se torna, assim, um duplo do real, sua contiguidade incômoda, e desafia sua contingência inexplorada: “convém lembrar que ela [a literatura] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar danos psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração” (CANDIDO, 2011, p. 5). Mas a mensagem ética, por assim

3. “Ser grande é ser mal compreendido.” (tradução nossa)

4. “esse tipo de autor não tem valores dados à sua disposição; ele mesmo deve criá-los.” (tradução nossa)

dizer, da literatura depende, obviamente, de sua construção, de sua arquitetura própria, de sua ordenação verossímil, coordenada para convencer por sua razoabilidade.

“Trata-se, sem dúvida, de uma pessoa horrível e abjeta, notável exemplo de lepra moral, que assume um tom entre feroz e jocoso talvez para esconder o mais profundo sofrimento, mas que não inspira qualquer simpatia” (NABOKOV, 2003, p. 7). Assim é de saída descrito Humbert Humbert por John Ray Jr., irmanado a ele em sua natureza fictícia de suposto doutor em filosofia. O que faz Nabokov nessa irônica apresentação do relato de Humbert Humbert é de cara advertir-nos do caráter imoral do personagem pela intervenção textual de um sujeito de suposto saber, que nos conduzirá à exposição das particularidades do personagem principal. A ironia consiste em que, apesar das descrições algo despudoradas de suas relações sexuais e de seu amor por crianças, a empatia a que somos submetidos pela sombra do convívio com Humbert Humbert ao longo de seu relato é inescapável; é constitutiva da própria experiência da leitura. E é dessa ironia em saber da inevitabilidade do contato que decorre boa parte do profundo desvendamento que *Lolita* exerce sobre nós.

Humbert Humbert nos conduz por sua vida com a habilidade de quem conhece a provável repulsa que inspiraria, se fosse colocado em evidência diante do tribunal da moral pública. E, por essa razão, não se furta a declarar-se de pronto culpado, mas leva-nos com amabilidade por sobre uma atitude suspeito-samente contrita. De certa maneira humilha-se ao contar-nos sobre seu passado em instituições psiquiátricas, nos defronta com suas primeiras experiências sexuais com as “ninfetas”, descreve-as, e relembra sua experiência conjugal que, segundo ele, não teria passado de uma paródia embalada pela conservação de uma moral superada – como classifica a tradição europeia da qual faz parte (e que de certo modo é síntese, porque se declara como uma “salada de genes raciais”) (NABOKOV, 2003, p. 11). Na tentativa de estabelecer o diálogo entre sua moral e a dos leitores-implícitos de sua história, o narrador encaminha-se mesmo para um questionamento das fontes históricas e jurídicas que condenam seus desejos:

A disposição da lei romana segundo a qual as meninas podiam casar aos doze anos foi adotada pela Igreja e ainda se mantém em vigor, de forma mais ou menos tácita, em certos estados americanos. E a idade de quinze anos é legal em toda parte. [...] ‘Em certas cidades, como St. Louis, Chicago e Cincinatti, o clima temperado e estimulante [segundo uma velha revista desencavada na biblioteca desta prisão] faz com que as meninas amadureçam por volta do fim do décimo segundo ano de vida’. Dolores Haze havia nascido a menos de quinhentos quilômetros da estimulante Cincinatti. Nada mais fiz do que obedecer à natureza, sou o mais fiel de seus cães. Por que então esse horror de que não consigo me desvencilhar? Será que a deflorei? Sensíveis senhoras membros do júri, nem mesmo fui seu primeiro amante (NABOKOV, 2003, p. 137).

O que Humbert Humbert parece desejar de nós é alguma forma viável de perdão, é a aceitação da naturalidade daquilo que o aflige. Pois seu objetivo, conta-nos, é apenas atingir a felicidade; quer dizer, mais do que experimentar a felicidade, quer estar *além da felicidade*:

Ah, leitor, não me olhe com esse ar zangado, de modo algum quero dar a impressão de que não fui feliz. O leitor precisa entender que, como senhor e servo de uma ninfeta, o viajante encantado se encontra, por assim dizer, *além da felicidade*. Pois que não há na terra prazer que se compare ao de acarinhar uma ninfeta. É hors-concours esse prazer, pertence a outra classe, a *outra esfera de sensibilidade*. Apesar de nossas brigas [...], eu ainda residia no paraíso de minha escolha, um paraíso cujo céu tinha uma cor de chamas do inferno, mas ainda assim um paraíso (NABOKOV, 2003, p. 169; grifos nossos).

A interação inevitável, e por vezes odiosa, com o que nos mostra de nós mesmos Humbert Humbert é o incômodo latente de um atavismo moral desconcertado. O que nos dá, de fato, Humbert

Humbert (ou Nabokov) é uma nova parcela da vida, ainda intragada, não assimilada, possivelmente interdita de forma irremediável – todavia pulsante da mais intensa novidade. É um objeto sensível em sua forma original, frágil e, portanto, entregue ao julgamento denunciatório. Mas sua condição de resistência é a sua permanência incômoda, a demarcação de novos limites da bondade – “Your goodness must have some edge to it, – else it is none” (EMERSON, 1841, p. 4).⁵ Humbert Humbert é a representação de uma sensibilidade inaugural, que força-nos, pois, a domá-la pela inteligibilidade, pelo exercício da demarcação de novas margens para o pensamento, reconhecendo um novo objeto que, oriundo de uma zona impessoal de existência, sem ressentimentos ou castrações, é tomado pela necessidade de assentamento em algum lugar inteligível, sujeito à classificação estável. O pensamento é forçado então a alargar-se, e, violentado, ganha o acréscimo de um novo construto, de um significado de cuja estranheza extrairá outros sentidos – “He who would gather immortal palms must not be hindered by the name of goodness, but must explore if it be goodness” (EMERSON, 1841, p. 4).⁶

Humbert Humbert em seu esforço de entendimento com o leitor imagina-o: “[...] (ah, como eu gostaria de visualizá-lo como um intelectual de barba loura e lábios rosados, chupando la pomme de sa canne enquanto sorve em grandes goles meu manuscrito!)” (NABOKOV, 2003, p. 230); imagina alguém cuja sensibilidade seja afetada por sua narração. Fica, assim, evidente a maneira como vai se aproximando do leitor de modo a conquistá-lo pela franqueza, uma vez que somente por esse caminho pode ter a esperança de ver-se redimido de sua condição. Alardeia também, em numerosas passagens, seu conhecimento sobre a psicanálise, e, assim como faria um terapeuta sobre seu paciente, se aproxima e revisa sua própria situação. E o faz consciente da fruição culposa de sua circunstância, assim elevando-se um pouco aos olhos do leitor que, redimido de seu estado de repulsa pela admissão de um discurso acessível à sua sensibilidade, vê Humbert Humbert cada vez mais *humanizado*, e humaniza-se o leitor também através desse desvendamento.

Lolita representa bem a potencialidade *humanizadora* da literatura, dado que, como afirma Antonio Candido, “Ela não *corrompe* e nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2011, p. 6). A narração apela ao leitor para que a complete com sua liberdade, não demandando dele um engajamento emocional fácil. Isto é, não buscando conduzi-lo de forma automática a alguma compreensão ou alguma sensação da qual não possa fazer parte enquanto co-criador; o autor não deve tentar *afetá-lo*, ao leitor, comunicando-lhe de imediato emoções de medo, de desejo ou de cólera, comunicando-se com um objeto passivo, pois “[...] o livro não é mais que um meio de alimentar o ódio ou o desejo. O escritor não deve procurar *transtornar*, senão entrará em contradição consigo mesmo; se quer *exigir*, é preciso apenas que proponha a tarefa a cumprir” (SARTRE, 1989, p. 41).

O saldo da leitura de *Lolita* é, portanto, de um permanente desconforto, mas um desconforto com o vigor do novo, dado que a contemplação racional daquilo a que o leitor é exposto é a observação de um surgimento, da aparição de um compromisso com algo que não pode ser ignorado dali por diante. *Lolita* representa a potência da literatura em dizer-nos algo sobre nós mesmos, que nos vem absorvido pela forma, pela construção racional, e que nos afronta em sua liberdade existencial. Obriga-nos a devolver à vida algo retirado de sua neutralidade, envolto em nossa subjetividade afetada, vivo como um objeto moral posto em evidência.

5. “A sua bondade tem que ter alguma beira – senão não é.” (tradução nossa)

6. “Aquele que irá reunir palmas imortais não deve ser impedido pelo nome da bondade, mas deve explorar se é bondade.” (tradução nossa)

Nesse sentido é que o aperfeiçoamento, oriundo da mais profunda expressão individual, torna-se algo dividido, ampliando e ocupando os limites da experiência humana e alargando-a pela força de sua verdade, por sua potência íntima em comunicar-se com os recantos de nossa consciência. Humbert Humbert, cujo nome “parece cintilar dois olhos hipnóticos” (NABOKOV, 2003, p. 5), é a máscara que vestimos enquanto investigamos seu espírito profundo, e do qual voltamos à superfície, afetados por sua provocativa verdade: que o progresso avança também por direções indesejáveis. A literatura, cúmplice da vileza, examina-nos através de seus olhos incomodamente perscrutadores, cuja aparência assemelha-se ao hipnotismo daqueles de Humbert Humbert.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos: o direito à literatura*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Presentación de Sacher-Masoch: lo frío y lo cruel*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- EMERSON, Ralph Waldo. *Self-reliance*. Disponível em: <http://www.emersoncentral.com/selfreliance.htm> Acesso em: 30/01/2019 (1841).
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético – vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- NABOKOV, Vladimir. *Lectures on literature*. New York: Mariner Books, 2002.
- _____. *Lolita*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1989.